

Sine diz que DF tem a maior renda *per capita*

O Rio de Janeiro é a terceira capital do País em termos de renda salarial *per capita*, com o salário médio estimado em 2,72 salários mínimos. Em primeiro lugar vem o Distrito Federal, com 3,55 salários mínimos por habitante, seguido por São Paulo com 3,02. A informação é do coordenador do Sistema Nacional do Emprego (Sine), do Distrito Federal, José Walter Vasquez.

Segundo ele, o Distrito Federal possui a marca de maior salário médio do País e, em contrapartida, o título de maior concentração de renda. De acordo com dados do Sine, 48 por cento da mão-de-obra empregada recebem até três salários mínimos, o que representa 225 mil trabalhadores que detêm apenas 15 por cento de toda a massa salarial da capital. Os 70.700 empregados que recebem acima de 10 salários mínimos, no Distrito Federal, chegam a ganhar até 49 por cento do volume global de salários pagos, apesar da oferta ter caído cem por cento no ano passado.

Aqui tem! Este é o nome do projeto que a Secretaria do Trabalho está executando e que será lançado oficialmente dentro de 20 dias, com o qual o Governo pretende não só atrair para a economia formal pequenas indústrias de fundo de quinalta mas afastar o risco de recessão que a cidade começa a viver, pelo aumento do desemprego, e, principalmente, reforçar o volume de impostos arrecadados para Brasília.

O programa consiste na concessão, pelo Banco de Brasília, de financiamentos àquelas pessoas que fabricam seus produtos em casa para venda avulsa. Os

emprestimos no valor de 47 OTN (em torno de Cz\$ 8 a 9 mil), por pessoa envolvida no trabalho, têm três meses de carenção e igual prazo para pagamento, com juros de 10% ao ano, segundo explicou o coordenador do Sine no DF, José Walter Vazquez Filho.

O programa, de acordo com José Walter, já tem inscritos atualmente cerca de 4 mil industriais de fundo de quinalta e a meta a ser alcançada este ano é de 1 mil 600 empresas. O funcionário do Sine afirmou que esta será uma das alternativas encontradas pelo GDF para evitar a recessão que já atinge alguns setores produtivos em decorrência da redução do volume de investimentos oficiais e da alta das taxas de juros, o que inviabiliza qualquer aplicação de capital na criação de novos empregos. Com o projeto Aquitem!, a Secretaria do Trabalho quer viabilizar a produção de grande parte dos produtos hoje trazidos de outras regiões do País. Na mira do projeto está a produção de material escolar, de limpeza e outros que não exigam equipamentos sofisticados.

DESEMPREGO

Os dados da Secretaria do Trabalho mostraram que, no segundo semestre, de 1986, foi nítida a queda do nível de emprego pois, enquanto no período de julho a novembro de 1985 a oferta era de 2,258%, no mesmo período do ano passado, caiu para 1,45%. Para a Secretaria do Trabalho, o efeito expansionista do Plano Cruzado na renda e no emprego colaborou para que o crescimento entre agosto de 1985 e julho de 1986 alcançasse uma taxa

de 4,72%. A situação piorou, entretanto, a partir do Cruzado II, que provocou o esgotamento da capacidade de absorção de mão-de-obra pelo sistema produtivo e do fraco desempenho do setor público, o que reduziu o nível de emprego a partir daquele mês.

Os principais responsáveis pela queda do nível de emprego, segundo a Secretaria, foram os setores de Comércio, (4,66%), Administração Pública (1,85%) e Serviços (3,54%). Comparativamente ao período de agosto de 1985 a julho de 1986, houve uma redução da oferta de emprego de 44%, 41% e 25%, respectivamente. O certo é que, de janeiro a novembro de 1986, o DF apresentou a menor taxa de crescimento do País: 3,59%, pois no mesmo período do ano passado, a capital chegou a registrar uma alta de 4,29% ou seja, 2 mil 256 empregos a mais do que o contingente de trabalhador aproveitado no ano passado.

Por setor econômico, no período de janeiro a novembro, a indústria apresentou um crescimento de 6,97% em relação ao mesmo período do ano passado, enquanto que a Construção Civil saiu de um crescimento negativo de 7,02% em 85 para um crescimento positivo de 8,68 no ano passado. Também merece destaque o nível de rotatividade da mão-de-obra, no total das atividades, que elevou-se de 2,07% para 2,93% entre novembro de 85 e o mesmo mês de 86, o que significa um aumento de 42%. Paradoxalmente, onde houve menor ritmo de mudança de emprego foi na construção civil, que caiu de 9,85% para 7,16% no período citado.